

# MORTE AOS BANDIDOS

\* Povo arma-se para defender a ordem revolucionária

por Miguéis Lopes Júnior e António Souto (texto)  
e Carlos Calado, Amadeu Marrengula e António Marmelo (fotos)

**Na análise e caracterização da actuação dos bandos armados e seus prolongamentos a nível das cidades — a burguesia e pequena-burguesia interna — se dividiu a agenda da reunião popular, ontem orientada na capital do País, pelo Presidente Samora Machel. Desta análise foi definida como orientação principal a tarefa de armar o povo para consolidar Maputo como zona libertada. O comício — o mais poderoso meio de comunicação de massas no nosso País — sob a orientação do Comandante-Chefe das Forças Armadas —, transformar-se-ia em acção popular exaltante pelo desdobramento prático da estratégia em táctica revolucionária ali efectuada numa atmosfera séria, mas recheada de entusiasmo.**

Quando Samora Machel ativelou de novo à cintura a sua pistola de combatente, fazendo o juramento de não se voltar a separar dela, deu-se a rotura com as cedências que, em dada altura, a generosidade da Revolução e o seu natural anseio tinham feito à burguesia. Foi com o de novo o grito do 25 de Setembro ecoasse na capital, uma capital que, embora com tradições de luta, nunca conheceu o fogo da Luta de Libertação, uma cidade onde persistem os «escritórios mentais» da adoração do capitalismo, do racismo e da despersonalização, uma cidade onde muitos se esqueceram já do tempo que passou.

Iniciando um processo que se quer alargado a todo o povo, imediatamente foram armados cerca de duas centenas de diversos cidadãos e traçadas tarefas concretas.

De entre estas, o patrulhamento e limpeza de marginais e ladrões, candongueiros e violadores para restabelecer a tranquilidade, que permite a persecução dos projectos que a RPM possui, para fazer a felicidade e o bem-estar do seu povo.

Ali, foram postos a nu os bandos armados. Mas, não são hordas de homens sem moral e sem escrúpulos, vende-pátrias ou regressados aos padrões da RAS que alguma vez poderão abalar uma Nação, uma revolução profundamente enraizada nos anseios populares, frisou o Presidente. Uma revolução que não se defende a uma revolução que não se defende. Assim, a Revolução moçambicana defende-se, tendo em mente que os bandos armados ou a RAS, que os financia e infiltra, nada

mais são do que outros tantos braços armados do verdadeiro e permanente inimigo: o imperialismo, o capitalismo.

E na morte aos bandidos ontem desencadeada, com a certeza da vitória que um povo armado e organizado sempre obtém, se iniciou a transformação da capital numa zona libertada. Se iniciou o vibrar de mais um golpe nesse imperialismo, a juntar aos que já lhe foram desferidos através do

enterra do colonialismo português ou das hordas de Smith.

— Vamos romper a cedência que temos feito à burguesia e aspirantes da burguesia. Temos sido generosos. Temos sido muito compreensivos. Temos sido bons demais para com a pequena burguesia. E a pequena burguesia violenta-nos com armas. Para liquidar os bandos armados, o combate exige pôr a pequena-burguesia na defensiva completa — afirmou Samora Machel.

A determinação neste novo combate que o imperialismo nos impõe foi sublinhada quando, ao recordar a coragem dos heróis do 25 de Setembro de 1964, o Presidente do Partido Frelimo afirmou: **Desencadeámos a luta e dissemos: mais vale uma hora livre e independente do que 100 anos de escravatura. Quando se trata da independência os sacrifícios nunca são demais.**

Na longa marcha então iniciada, descreveu o Chefe do Estado, apareceram no seio da frente traidores, desertores, cobardes, medrosos, boateiros, intriguistas, ambiciosos, aqueles que subestimavam o inimigo e aqueles que o sobrestimavam e que eram oportunistas de direita ou de esquerda, mas que se juntaram. À medida que a guerra se desenvolvia intensificavam-se as infiltrações.

Ao longo destes anos apareceram várias zonas: zonas da FRELIMO; zonas do inimigo e zonas de refugiados e de castidade.

Nesta longa marcha aconteceu que, **infelizmente, a guerra não chegou a Maputo, ex-Lourenço Marques.** Assim, zonas como a capital do País, com a independência de Moçambique, foram fisicamente libertas do inimigo, mas os valores do colonialismo, do imperialismo e do capitalismo mantiveram-se.

A vida das zonas libertadas caracterizadas não apenas pela ausência física do ocupante estrangeiro, mas sobretudo pelas novas instituições, pelo poder popular, pelas novas relações que existem entre os homens,

não foi ainda solidamente estabelecida nas zonas apenas libertas com a independência.

Neste novo combate, torna-se assim necessário retomar os ensinamentos das zonas libertadas. E, por isso, o Presidente Samora Machel descreveu-as com certo pormenor. São zonas onde os vícios e defeitos da sociedade doentia do capitalismo e do imperialismo foram varridos. São

o Presidente Samora Machel referiu-se então aos espíões, aos boateiros, sabotadores, ladrões, marginais e toda uma série de gente que, usufruindo da liberdade conquistada pelo Povo, se constitui a nível das cidades no prolongamento dos bandos armados.

Para aprofundarmos a transformação desta nossa cidade e esmagarmos os bandos armados, Samora

**SOMOS 12,5 MILHÕES DE MOÇAMBICANOS. EM MAPUTO, SOMOS 900 MIL, MAS SÓ EXISTIMOS COMO POVO, QUANDO ESTIVERMOS UNIDOS E ORGANIZADOS.**

zonas que se caracterizam pelo amor devotado às crianças e pelo amor entre os homens. São zonas onde se aprende o valor do trabalho colectivo. Enquanto nas zonas do inimigo a mentira está institucionalizada até com um dia próprio, dia oficial, nas zonas libertadas aprendemos a matar a mentira. Nas zonas libertadas, aprendemos a matar os complexos de superioridade e de inferioridade, os recalcimentos, os ódios, o individualismo, a indisciplina, a desorganização, a preguiça, as ideias conservadoras, a superstição. Nas zonas libertadas, não há droga, não há mediocridade, não há marginalidade, nem prostituição. Nas zonas libertadas, organiza-se a matar a morte e aprende-se a fazer a guerra para acabar com a guerra. Aprende-se a fazer a guerra revolucionária contra a guerra reaccionária.

Neste processo de transformação é necessário recordar, aos que se esqueceram, do tempo que passou, o que era a cidade colonial. Bastou apontar para o lado e recordar como a catedral, como a casa de Deus foi construída. Foram homens acorrentados sob a vigilância dos cipaios e a acção do chicote que ergueram aquele edifício em nome da presença da civilização ocidental. A praça, onde se concentravam aquelas dezenas de milhares de pessoas, hoje Praça da Independência, símbolo da nossa dignidade, era a Praça Mouzinho de Albuquerque, símbolo da opressão e humilhação do nosso Povo. Mais adiante a baixa da cidade, com os seus restaurantes e casas, onde apenas entravam os colonos. Em redor de toda a praça, as casas construídas pelo povo, mas que ele não habitava, a não ser nos quintais. Nas ruas, os homens que circulavam apenas com a caderneta.

Ao falar da nossa cidade de hoje,

Machel definiu os métodos de actuação do inimigo.

Descreveu a sua actuação basicamente em duas perspectivas. Uma consiste no terror pela prática de crimes hediondos, como o assassinato de crianças, amputação de seios e lábios de mulheres, incêndios de casas e machimbombos com cidadãos indefesos no seu interior. Outra consiste na criação de um clima psicológico desestabilizador e de insegurança, através de acções, organizadas especialmente a nível das cidades.

A aliança do nosso País com os países socialistas que nos apoiaram durante a Luta Armada de Libertação Nacional, constitui um alvo preferido das calúnias do inimigo.

Neste sentido e utilizando a superstição e ignorância, o comunismo é objecto das mais baixas deturpações.

Ao definir os bandos armados e o seu prolongamento a nível das cidades, como destacamentos operacionais do exército sul-africano, o Presidente Samora Machel perguntou à população quem era mais forte, se os bandos armados ou se o exército colonial.

— O exército colonial — respondeu a população. Voltou a colocar a mesma questão em relação ao exército de Smith e a população afirmou que era o exército de Smith.

— E onde estão o colonialismo e Smith?

— No caixote do lixo!

— E quem os derrotou?

— Fomos nós!

Estava assim criado o ambiente para que a população se armasse e, uma vez mais, derrotasse o imperialismo, agora sob a face de um destacamento do exército sul-africano.